

*Mus en Pauliste*

**O F A R O L**  
**P A U L I S T A N O.**



*La liberté est une enclume qui usera tous les marteaux*

SABBADO II DE AGOSTO.

*Continuado da pag. 139 do N.º antecedente.*

Continuar os trabalhos da sessão precedente, eis a intenção formal da Camara dos Deputados. Já dissemos, como em consequencia das disposições do Ministro, ella voltou-se para este genero de trabalhos: examinemos agora, se os que tem dirigido ataques contra a Assembléa, tem obtido o fim a que se propunhão: fallaremos depois da omnipotencia, da composição, da tactica da Camara dos Deputados, e concluiremos com uma breve resenha das sessões da mesma Camara.

Não é de admirar que homens dotados d'uma imaginação viva ou exaltada, pouco affeitos aos debates parlamentarios, commettão ligeiros erros na improvisação do discurso, e que indignados d'aquillo que se faz á sua vista, dirijão algumas accusações atrevidas contra os fautores das dilapitações publicas. Mas poder-se-ha olhar para estes pequenos erros, como se olharia para ataques directos contra o governo estabelecido? O poder executivo teria de certo muito que fazer, se quizesse occupar-se das mordeduras da satyra. A liberdade da imprensa está proclamada: se ella não é um nome vão, deve-se deixar o campo livre aos escriptores, e muito mais aos Deputados da Nação. O Governo não deve assustar-se de

simples palavras; elle deve applicar a mais séria attenção aos actos da Assembléa, porque d'estes actos é que resultarão bens ou males para a Nação. Alguns homens, impellidos pelo amor do bem publico, tem levantado a voz a favor d'esta Nação, que soffre as desgraças da guerra e a penuria das finanças: logo certos escriptores, atormentados por uma especie de *phrenesi periodiqueiro*, começarão a vomitar contra elles uma torrente de injurias, e a promover uma discussão, cujo fim era desacreditar a Assembléa, provocar a sua dissolução, caso houvesse resistencia e demonstrações defensivas da parte de seus membros.

Ora, se os Representantes da Nação tem sido nomeados pelo voto livre dos Eleitores, só Aristarchos insensatos é que podem declamar contra o voto Nacional. Se pelo contrario elles foram nomeados pela influencia do Poder Executivo, então cabe a este mesmo poder uma boa parte das injurias dirigidas contra os seus delegados; e n'esta lucta polemica, na qual escriptores vestidos com a libré do despotismo prodigalizão sua tincta venal, o credito do Poder Executivo é que diminue, e o da Assembléa cada vez mais se consolida pela dignidade de sua conducta para com seus detractores. Até hoje, a Camara dos Deputados tem guardado si-

lencio ácerca dos ataques contra ella dirigidos; e seos trabalhos actuaes são as melhores testemunhas contra as calumnias, e que calumnias!... São accusados de anarchia uns homens, que tudo perderião em uma revolução, ricos, proprietarios funcionarios cobertos de titulos e decorações, ecclesiasticos beneficiados, em uma palavra, um grande numero de homens privilegiados! De certo, uma Assembléa composta de ignaes Deputados, não se póde dizer que suspire por uma revolução politica, só porque clama por uma reforma das leis e das finanças do Estado!... Longe de sonhar a anarchia, cuja existencia é passageira, esta Assembléa oppõe-se com todas as forças ás usurpações do Despotismo, que sempre methodico e de sangue frio, acha nos seos mesmos actos arbitrarios os meios de conservação e crescimento.

Tanto se tem fallado contra a liberdade da imprensa, tanto se tem dicto a favor d'ella, que pareceria ocioso agitar-se mais semelhante questão. Mas não é assim: porque se muito se tem fallado, ou escripto mui pouco se tem ouvido, ou lido porque ha homens que estão promptos para entrar em todas as questões, sem que todavia queirão tomar o trabalho de ler coisa alguma; e por isso até agora todos os dias se reproduzem os argumentos que ha muitos annos estão refutados. Julgamos por consequencia de alguma utilidade o seguinte extracto, que particularmente refuta as objecções feitas contra a censura dos máos Empregados.

REFUTAÇÃO DO SOPHISMA, QUE PROTEGE OS EMPREGADOS PREVARICADORES.

*Quem nos ataca, dizem elles, ataca o Governo.*

Este sophisma tem por fim o fazer crer ao povo, que toda a censura dos empregados publicos, que toda a denuncia que se faz pela imprensa dos abusos que elles commettem, é dirigida contra o Governo, e que o resultado infallivel é ficar o Governo aviltado e enfraquecido.

Esta maxima é da maior importancia, e é por isso que alguns a sustentão com tanta grande energia (\*). Desde que ella ficar estabelecida, todos os abusos o

ficarão tambem. Os que achão conta n'esses abusos, não recearão mais que os perturbe no pleno gozo d'elles. A impunidade será para aquelle que fizer o mal, e a pena para quem o denunciar.

As imperfeições d'um Governo podem reduzir-se a duas principaes? 1.<sup>a</sup> a conducta de seos agentes 2.<sup>o</sup> a mesma natureza do systema, isto é, das instituições e das leis.

Quando pois se accusa o systema em geral ou a conducta de seos agentes, estas accusações não deixão de diminuir a estima publica mais ou menos a favor d'estes objectos. Mas que se segue d'ahi? consequencias ruins para o governo, ou consequencias vantajosas? Eis a questão que cumpre examinar.

Deve primeiro que tudo notar-se que é uma injustiça o crer que um ataque contra os governantes ou contra instituições abutivas, provenha de inimizade ao governo: antes é uma prova do contrario, pois quem gosta do governo é que deseja vê-lo em mãos habéis e limpas, é que deseja aperfeiçoar o systema da administração.

„ Uma censura, diz Rousseau, não é o mesmo que uma conspiração. Criticar ou censurar algumas leis não é derribar todas as leis: pois a ser assim, dir-se-hia, que um homem que mostra os erros dos Medicos, tem a intenção de assassinar os doentes. „

Dizer que se ataca o governo, quando censura-se os agentes do mesmo governo ou se denuncião abusos publicos, é o mesmo que dizer, que se abalão os fundamentos da obediencia, e que se prepara a revolta e anarchia. Mas os que pensaõ que a submissão dos povos vacilla com o mais pequeno sopro da opiniaõ publica, os que pensaõ que esta submissão depende da estima ou menos preço que se faz d'este ou d'aquelle ministro, d'uma ou outra lei, conhecem mui pouco os principios em que se funda esta submissão.

Naõ é por attençaõ ás pessõas que governaõ, que os povos estaõ promptos para obedecer; é por sua propria segurança que cada um dos individuos deseja a manutençaõ da autoridade publica;

(\*) Testemunha a Gazeta do Brazil, que finge considerar, como desaffectedos ao actu-

al systema, a todos os que censuraõ os actos do Ministerio e mais agentes do poder.



é pelo sentimento da protecção que elle recebe contra os inimigos internos e externos.

Mas ainda quando o povo se achasse disposto a recusar a obediencia; se elle não quizesse por exemplo, pagar os impostos, ou cumprir os mandatos da justiça; elle reconheceria logo que essa resistencia era uma loucura, salvo se uma igual disposição se manifestasse d'uma maneira bastante geral, que destruisse a força do governo. Mas quando um tal symptoma chega a apparecer, já não é o effeito da liberdade da censura; antes sim o resultado energico d'um sentimento commum de desgraça. Na Turquia não ha liberdade da imprensa: todavia dos estados conhecidos, é onde as revoltas são mais communs e mais violentas.

A livre censura dos agentes e dos actos do governo é pois um meio de firmá-lo; pois que ella põe a par do mal a esperanza da cura, fornece ao descontentamento um meio legal para ser ouvido, e assim previne as conspirações occultas. A liberdade da imprensa tem ainda outra utilidade, que é a de offerecer aos que governão um indício seguro das disposições do espirito publico; ella deposita em suas mãos um instrumento poderoso, para dirigir a opiniaõ, e para repeller injustos ataques ou perigosas calumnias; pois o campo fica igualmente aberto a todos; e *n'esta lucta, os que possuem o poder, tem grandes vantagens sobre seus adversarios*.

Quando aquelles, em cujas mãos está o destruir os abusos, não querem fazê-lo, haverá outro remédio para illustrar ao publico, que não seja o de expôr a incapacidade ou a corrupção d'aquelles que governão, e tirar-lhes assim a estima publica que elles não merecem? Será preferivel um estado de coisas, no qual identificando-se os governantes com o governo, resulte enfim um despotismo absoluto?

Mas não é isso, dirão alguns. Se as censuras fossem justas e moderadas, ellas seriam um bem. Os abusos d'esta liberdade é que a tornão insupportavel.

O apice de perfeição seria, se a censura nunca fosse injusta nem exaggerada; mas esta perfeição não pertence á natureza humana. É preciso portanto, ou admittir todas as accusações, ou não admittir nenhuma. Não ha que esse-

lher senão entre dois males, pois admittindo todas, entram as injustas: excluindo todas, excluem-se as que forem justas.

Supponhamos pois, que se toma o partido de excluir, que resulta d'ahi? Logo que não haja mais freio, os abusos irão em augmento, até chegar ao excesso do mal. Os empregados ir-se-hão corrompendo cada vez mais, uma vez que ao interesse pessoal se tire o contrapêzo da censura; e a administração deve peiorar á proporção de sua incapacidade e vicios.

Tomando-se pelo contrario o partido de admittir todas as imputações justas ou injustas, o mal que resulta é tam insignificante, que a penas se lhe pôde dar o nome de mal: por quanto, pergunto eu, admittindo-se as imputações injustas, não se admittem ao mesmo tempo as defezas? e n'este caso, as vantagens não são por ventura todas ellas para quem se defende? Não tem este por si a autoridade do seo logar, a protecção de seus collegas, o conhecimento mais exacto dos factos, a facilidade de obter todas as provas? e se lhe falta o talento, não tem elle á sua disposição todos os favores do governo para empenhar em sua causa aos mais habéis defensores?

Dis-se-há que homens honrados não devem ser expostos a taes perseguições, e que se alguns ha que possam sujeitar-se a ellas, ha outros para quem seriam tam insupportaveis, que por um tal preço elles nunca se resolveriaõ ao estado (\*).

Será com seriedade que alguns usaõ d'esta linguagem? A censura é um tributo imposto aos empregos publicos, e que é d'elles inseparavel. Se a questãõ fosse unicamente sobre logares sem lucro, e sem recompensa, logares em que só houvesse incommodo e trabalho, para os quaes fosse preciso alistar homens por força; a objecção teria algum fundamento; mas ella é nenhuma, absolutamente nenhuma, quando se tracta d'empregos, que conferem tudo o que os homens desejão com maior ardor.

*Um homem honrado, dizem elles! Eu*

(\*) Eis o mais forte argumento dos inimigos da censura; eis a âncora sagrada a que elles recorrem no ultimo apêrto. Leia-se porém com attenção a resposta, e ver-se-ha quanto vale o argumento.

acho contradicção nos termos. Nada pôde ser mais justamente suspeito do que a honra d'um homem, que só accitasse um cargo publico, com a condição de não ficar sujeito á censura. A verdadeira honra não recusa o exame, e até desafia as accusações.

Quem accita um emprêgo civil, sabe que s'expõe a imputações, algumas das quaes podem ser injustas, assim como todo o que segue a carreira militar, sabe que s'expõe a perigos pessoais: não se poderá pois dizer da honra do primeiro, quando se quer libertar da censura, o mesmo que se diria da honra do segundo, quando este se furtasse aos perigos de seu estado.

*Continuar se há.*

#### CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor.

Como o seu Farol é a unica folha da nossa Provincia, parece que algum cabimento devem ter n'elle os factos e reflexões dirigidos a comprovar, já os beneficios que nos tem vindo com o systema constitucional, já a opposição que elle tem soffrido da parte das Autoridades, que não podem ou não querem affazer-se a um tal systema: e por isso espero que admittirá o pequeno golpe de vista, que passo a offerecer-lhe sobre a Villa de Porto Feliz. Esta Villa, desde a sua criação, foi confiada ao governo d'um Capitão mor, como accontecco com quasi todas as outras. Este Capitão mor fez-se logo poderoso, como era natural, e começou a nomear para os postos de Ordenanças a seus irmãos e parentes proximos, e o mesmo praticava com a eleição da respectiva Camara, a que sempre assistia na qualidade de limpador de pautas. Em breve plantou-se alli o nepotismo, o monopolio da jurisdicção e autoridade, e seus infalliveis resultados, a saber, toda a sorte de arbitrariedades e violencias da parte de uns poucos, e a mais inteira escravidão para a maioridade. Durou isto 20 annos ou mais, quando em 1821 appareceu a Constituição, e com ella virão os povos que a natureza os não tinha criado para escravos, que o poder hereditario era uma prerogativa exclusiva da Augusta Casa Imperante, que as demais Autoridades, devião chegar a todos, tendo-se unicamente attenção ao

saber, ao merito, e ás virtudes; que entre estas Autoridades as de natureza electiva devião deixar-se á liberdade dos votantes &c. &c. &c. Tudo isto virão as familias escravas d'aquella Villa, e como achassem que estas coisas erão muy conformes á razão e ao bom senso, começaram, ha dois annos a esta parte, a reclamar pela execução das leis, e pelos seus direitos há tantos annos illusorios. Não foi preciso mais para se pôrem em campo os *mandões* d'aquella Villa, e entrarão logo a gritar que os que lhes fazião opposição erão uma meia duzia de *bandalhos*, e *revolucionarios* que inquietavão a paz d'aquella Villa; havia tantos annos, não interrompida (a paz era a escravidão levada com paciencia), e que em poucos dias serião remettidos em grossas correntes para a Côrte. Os taes *revolucionarios* já não fizeram tanto caso, como d'antes, d'estas trovoadas sem chuva; e continuãrão a perturbar a paz d'aquella Villa, isto é, a propugnar pelos seus direitos, requerendo já ao Ouvidor da Comarca, já ao Ex.<sup>mo</sup>. Presidente da Provincia, e muitas coisas tem já conseguido. Por exemplo: já se vêm alli Camaras eleitas legalmente, sem haver um só parente: já se vê o Capitão mor antigo passar a Sargento mor, apesar dos esforços dos *mandões* para o preterirem, segundo o antigo costume: já as leis são quando não religiosamente observadas, ao menos tractadas com algum respeito. Todavia, o último recrutamento para a 2.<sup>a</sup> linha, a que alli se procedeo, cheiron ainda muito ao antigo systema: os déspotas fizeram assentar praça em todos aquelles a quem erão avessos, não obstante serem exemptos pelas leis e instrucções de semelhantes recrutamentos, e sendo muitos d'elles pobres e miseraveis; ficando a sacra familia (aliás bem numerosa) toda ella exempta da praça em 2.<sup>a</sup> linha, e empregados todos sem excepção d'um só nos postos de Ordenanças com total abandono da lei, pois nem se quer um tem a idade de 40 annos, que esta exige!! Mas não importa, Sr. Redactor, Roma não se fez n'um dia, e com isto me despeço de Vm. por esta vez, asseverando-lhe que sou &c.

*Um sectario da igualdade perante a lei.*